

RESENHA: PEDRO PAULO PIMENTA. *A TRAMA DA NATUREZA: ORGANISMO E FINALIDADE NA ÉPOCA DA ILUSTRAÇÃO*. SÃO PAULO: EDUNESP, 2018.

Marcos Balieiro

Universidade Federal de Sergipe

marcos.balieiro@gmail.com

Há tempos Pedro Paulo Pimenta vem oferecendo contribuições importantes para o estudo das filosofias das luzes. É autor não apenas de artigos de inegável interesse, mas, também, de livros que atestam sua disposição para enfrentar, de maneira sempre original e rigorosa, problemas importantes no que toca à interpretação de autores do século XVIII. É o que se vê em estudos como *Reflexão e Moral em Kant*, *A Linguagem das Formas: natureza e arte em Shaftesbury* e *A Imaginação Crítica: Hume no século das Luzes*. Os dois últimos têm, ainda, o atrativo adicional de se dedicarem a temas que frequentemente recebem menos atenção do que deveriam por parte da comunidade filosófica brasileira. Shaftesbury, apesar da enorme influência que exerceu sobre diversos pensadores da ilustração, é, como se sabe, autor pouco estudado por aqui, o que confere, por si só, importância ao belo trabalho de análise que Pimenta empreendeu sobre ele. Hume, por sua vez, é visto por boa parte dos historiadores da filosofia como um autor que interessaria especialmente (ou apenas) por conta de suas teses sobre a causalidade. *A Imaginação Crítica* é um livro que chama a atenção para temas usualmente pouco considerados na obra do filósofo escocês, além de oferecer ao leitor traduções de textos de Hume que o apresentam não apenas como um autor bastante preocupado com temas morais e literários, mas também imbuído de grande espiritualidade.

A trama da natureza: Organismo e finalidade na época da Ilustração, trabalho mais recente de Pimenta, é uma obra bastante ambiciosa. Partindo das dificuldades, por parte de autores do XVIII, de definir o termo “natureza”, o autor se dedica à tarefa de mostrar em que medida diferentes concepções sobre o tema contribuíram para que se estabelecesse, entre a Revolução Francesa e a Inglaterra vitoriana, a biologia, entendida como ciência. Para esse fim, faz-se necessário analisar cuidadosamente filósofos como Hume, Smith, Diderot, D’Alembert, Kant e Herder, além de, naturalistas como Buffon, Cuvier, Geoffroy de Saint-Hilaire e Darwin. Todos são analisados não apenas com vistas a uma análise particular desta ou daquela tese, mas com o intuito de mostrar em que medida esses autores se preocuparam em estabelecer, cada um a seu modo, metafísicas da natureza, as quais repercutiram nas histórias naturais do século XVIII, mas também, por exemplo, em casos como o da Anatomia Comparada de um Cuvier. O objetivo, cumprido de maneira rigorosa e vivaz, é mostrar uma linha de continuidade entre as concepções de natureza presentes na História Natural e a ciência da biologia desenvolvida na época vitoriana.

É comum encontrar autores que, ao discorrer sobre o tema da natureza na modernidade, caiam na armadilha de tentar reduzi-la às suas conceituações mecanicistas. Trata-se de uma tentação bastante compreensível: Hume, como se sabe, teria buscado, em boa parte de sua obra, ajustar contas com uma gama de autores que inclui Descartes, Hobbes e Locke, e os critica em termos tais que mostram sua desenvoltura ao lidar com modelos mecanicistas. Kant, por sua vez, é usualmente apresentado como aquele que teria, ao fim e ao cabo, promovido algo como uma conciliação entre filosofias empiristas e racionalistas. Esse tipo de apresentação frequentemente privilegia a consideração que os filósofos envolvidos têm pela física, o que contribui para restringir consideravelmente os termos em que são explicadas as controvérsias acerca das epistemologias modernas. A obra de que trato aqui, felizmente, escapa a essa tendência. Ainda que fique evidente para o leitor a importância que o cartesianismo e o newtonianismo tinham para aqueles que, no século XVIII, discutiam a ciência de seu tempo, Pimenta trata de fazer justiça às relações que os autores estudados guardam com certa tradição vitalista, que inclui filósofos como Leibniz. Suas considerações a esse respeito estão embasadas pela leitura atenta de autores como Georges Canguilhem, François Jacob e François Duchesneau.

Conforme se lê na Introdução, textos que compõem *A trama da natureza* não forma escritos como “capítulos correspondentes a um plano unitário” e, portanto, podem ser lidos como textos autônomos. O leitor pode, evidentemente, levar essa ponderação a sério. Nesse caso, irá se deparar com textos escritos de maneira clara e rigorosa, e que, ocasionalmente, permitem acessar de maneira original certas teses dos autores a que se dedicam. Ainda assim, não posso deixar de observar que cada um dos artigos que constituem o volume ganha força ao ser considerado como parte de um todo. Isso porque, ainda que não tenha sido composto apenas como um conjunto de textos que pretendem seguir estritamente uma ordem cronológica de autores ou de temas, é visível o fio condutor pelo qual Pimenta conduz sua investigação. Esse é um aspecto que fica particularmente claro quando se lança mesmo que um relance à estrutura da obra. Esta se divide em duas partes. A Primeira (*A Emergência do Organismo*) conta com três capítulos em que o leitor é apresentado a uma interpretação de Hume que, ao levar em conta as relações entre sua filosofia e as ciências da vida, certamente diz algo novo sobre as pretensões do filósofo escocês. Segue-se um capítulo sobre Adam Smith que explora os impactos que sua recusa de que haveria um fim último na natureza tem sobre a sua teoria social. Os capítulos posteriores da primeira parte se dedicam a Buffon e aos

enciclopedistas, e tratam de esclarecer que, também em textos dedicados primariamente às ciências da natureza, estaria em voga a ideia de que, se a vida não é algo que se pode compreender apenas a partir de um arranjo mecânico de partes, nem por isso se deve considerar que, para compreendê-la, é preciso acatar teses metafísicas que apelariam a um realismo com relação às causas finais.

Os primeiros capítulos da segunda parte (A Superação da Finalidade) são dedicados à maneira como as ciências da vida teriam sido tratadas por Immanuel Kant. Em quatro capítulos, Pimenta ataca problemas importantes da obra do pensador alemão, com resultados interessantes. Em oposição àqueles que veem ambiguidade na introdução, pelo filósofo de Königsberg, do conceito de fins na investigação da natureza, encontramos a consideração de que esse procedimento se deveria à necessidade de dar conta do fato de que a forma orgânica “aparece ao entendimento como contingente”. Desse modo, não se trata de acessar a constituição das formas orgânicas, mas de aceitar que “uma forma dada é possível segundo leis da razão”. Pimenta recorre, de maneira bastante consistente, à *Crítica do Juízo* para embasar, posteriormente, sua interpretação da maneira como Kant teria dado conta desse problema. Além disso, em capítulos posteriores, estabelece com clareza vínculos entre as concepções kantianas e aquelas adotadas nas ciências da natureza. Com isso, mostra não apenas correlações interessantes entre os procedimentos adotados por Kant e aqueles de que se valeu Buffon, mas também que a tensão observada pelo filósofo alemão entre transcendental e empírico estaria espelhada na chamada Querela dos Análogos, de maneira que se estabelece, então, um vínculo bastante sólido entre o modo como Kant entendeu a natureza (em especial em seus aspectos orgânicos) e ciências como a História Natural e a Anatomia Comparada. Desse modo, é possível chegar à compreensão de como Darwin, que teria, entre outros pontos, buscado solucionar tensões atinentes à Querela dos Análogos, pode, também, ser inserido em uma tradição que remonta à História Natural, mas também às metafísicas da natureza do século XVIII.

Dado seu caráter ambicioso, e dada a maneira de sua composição, *A trama da natureza* não teria como ser um trabalho exaustivo no que diz respeito ao tema que aborda. Ainda assim, o leitor certamente encontrará motivos mais do que suficientes para dedicar algum tempo à leitura desse estudo, seja por conta da escrita cristalina e rigorosa, seja pelos elementos originais que o autor traz para a interpretação de pensadores consagrados, seja pela justiça que se faz à relação entre a filosofia e as ciências da vida.